

N: A FUGA PARA A BELEZA

por amilton de azevedo¹

“O contrário da vida não é a morte, mas o desencanto”

(Simas e Rufino, em *Flecha no Tempo*)

No fundo do palco, um imenso tecido é o céu. Ao centro, uma mala e o foco de luz que a acompanha desde a entrada do público no Teatro Municipal de São José dos Campos. Uma voz infantil serve de prólogo, falando sobre as fugas que irmanam a humanidade, das violências da guerra e da miséria até a dos desejos e sentimentos. Na cena, entram três figuras com grandes malas. No céu-cenário, uma lua se desenha. Sob a luz do luar, *N*, da Cia. Arte-Móvel (Santa Bárbara d’Oeste), desenha movimentos de esperança e desolação.

Conforme disse Otávio Delaneza, diretor da encenação, o título refere-se a esses *nadas, ninguéns, nenhuns*; soma-se a isso a possibilidade de ler *N* em seu sentido matemático: o conjunto ilimitado dos números naturais. É verdade que se pode quantificar, por exemplo, o número de pessoas vivendo em situação de deslocamento forçado, na condição de refugiados – a ACNUR (Agência da ONU para Refugiados), [estima](#) que são cerca de 120 milhões pelo mundo. Trata-se de uma dimensão que talvez nos escape, assim como a sensação de que a crise é também infinita.

Há, por outro lado, a referenciação direta da sonoridade do nome: a pronúncia da letra *N* se assemelha ao nome Anne. Assim, logo em seus primeiros momentos, a obra da Arte-Móvel cola parte de seu significado em Anne Frank, como sugestão – o vestido, a música, um livro – e também citação; o nome da adolescente alemã de

¹ *amilton de azevedo é pesquisador e crítico das artes vivas. Doutorando em artes cênicas na ECA/USP; mestre em artes da cena, especialista em direção teatral e bacharel em teatro pelo Célia Helena, onde lecionou entre 2016 e 2019. Idealizador, editor e crítico na plataforma ruína acesa (<https://ruinaacesa.com.br>), integrante do projeto arquipélago. Colabora com diversos festivais regionais, nacionais e internacionais, ministra oficinas de formação em crítica e escreveu para a Folha de S. Paulo. Membro da seção brasileira da IATC/AICT (Associação Internacional de Críticos de Teatro), em 2024 foi convidado para cobrir o Festival TransAmériques (Montreal/Canadá).*

origem judaica, vítima do Holocausto, é dito em certo ponto, mas mesmo antes disso as palavras de seu diário são feitas dramaturgia.

É curioso observar *N* neste sentido: primeiro, constrói-se uma situação ficcional, com essas três pessoas, sem nome, estão em fuga, em deslocamento, em busca de encontrar um lugar-outra para além daquilo que já conhecem – e rejeitam. Tais figuras, em certa medida, assemelham-se a ideia de *personagem contemporânea* buscada por Luis Alberto de Abreu em sua [hipótese publicada na Revista Sala Preta](#): “a realidade contemporânea nos diz, e esta é a hipótese na busca da configuração da *personagem contemporânea*, que a alienação de si mesmo, característica dos personagens trabalhados por Kafka e Beckett, talvez tenha se aprofundado ainda mais”.

A atmosfera beckettiana talvez seja a primeira que se imprime na obra e, mesmo em seu desenvolvimento, permanece pairando próxima; e lá estão essas personagens, que deixaram de estar “apenas perplexos” (como Joseph K., de Kafka) e “com a ansiedade passiva de Vladimir e Estragon” (personagens de *Esperando Godot*, de Beckett), que “passaram a ação”. Abreu segue: “*Todos os dias, em qualquer lugar do mundo, topamos com consciências fragmentadas, com seres perplexos que, no entanto, agem. Uma ação descontínua, sem objetivo, sem sentido e, como toda ação teatral, dramática, violenta.*”

A este ambiente hostil, onde uma lógica própria se instaura nos crescentes de tensão e rompantes de violência entre as três figuras, soma-se uma espécie de consciência insistente, em especial na dramaturgia. As frases de Frank que pontuam as interações parecem por vezes não surgirem como diálogos, mas quase que lapsos de iluminação, súbitas realizações, iscas de reflexão em meio ao horror. Há, assim, em *N*, um descolamento entre o que as personagens fazem e o que é dito. Indo além, existe uma terceira camada quando a encenação se revela também obra de teatro de formas animadas, dando a ver a vida em objetos como vestidos e chapéus e mesmo na utilização de pequenos bonecos.

É como se história, teatralidade e realidade estivessem emaranhadas em suas harmonias e dissonâncias. No que é dito, palavras já escritas sobre um passado necessário de lembrar. Nas relações entre as personagens, recusar o retorno

enquanto se enfrenta uma tempestade de realidade. Na manipulação, a possibilidade da arte: como diz Ailton Krenak, adiar o fim do mundo “*é exatamente sempre poder contar mais uma história*”.

Em *N*, a Arte-Móvel constrói seus mundos a partir de precisas composições, alinhando iluminação, trilha, interpretação e manipulação de objetos. Nesse sentido, na apresentação deste 38º FESTIVALE, a dimensão do Teatro Municipal trouxe ganhos e perdas para a encenação: as densas atmosferas, construídas especialmente por som e luz, da terra arrasada por onde deslocam-se as figuras – assim como a movimentação cênica do elenco – foram valorizadas pelo tamanho do palco. Por outro lado, as sensíveis e simbólicas cenas com objetos, em especial com os pequenos bonecos, ficaram distantes para parte do público que não sentou-se nas primeiras fileiras.

A encenação é dinâmica em suas oscilações bruscas, transitando entre a brutalidade daquela distopia (que não parece tão distante) e um comovente apelo à bondade. Enquanto a primeira é impactante, a dramaturgia costurada pelo segundo acaba operando em um vetor único – talvez pela escolha de utilizar pequenos recortes, frases marcantes, convocações-chave – o que por vezes mantém a reflexão um tanto abstrata em sua ambição universalista. Ainda assim, *N* se propõe aberta em seus sentidos; nem tanto quando leva imagens reais da crise dos refugiados em uma projeção, mas especialmente em suas cenas ligadas às formas animadas, profundamente simbólicas, momento onde se escolhe conscientemente fugir para a beleza.

Quando esses três-ninguéns (que são tantas e tantos) passam a ressignificar elementos do palco (em especial, suas bagagens-caixas), *N* dá a ver a fabulação como construção de sentidos de vida. Por exemplo, durante uma briga entre os dois homens, um tanto desconexa mas dentro da lógica produzida naquela situação, onde de repente as agressões dão lugar ao brincar – de guerra, é verdade, mas brincar. Em meio àquele tanto perdido, diante de um inescapável desencanto, maneiras de esperar, de saber que virá o amanhecer; um devir-encantamento.